

24

CAPÍTULO

Os três C's da África e a desconstrução do rótulo

Joaquim Nhampoca

Universidade Eduardo Mondlane

Introdução

Os três C's fazem parte da discussão trazida pelo filósofo moçambicano Severino Ngoenha (2006) no seu artigo *A ideia de África*, em que descreve os impulsos por detrás da construção da ideia de África; analisa as suas manifestações práticas e apresenta os elementos que permitem fundamentar uma visão atualizada de tradições culturais da África. Proponho neste artigo estabelecer um diálogo entre esse autor (Severino Ngoenha) e Elísio Macamo (2002), Carlos Cardoso (2012) e Joseph Ki-Zerbo (2006), trazendo uma abordagem da situação atual da África e discutir do meu ponto de vista os três C's e a proposta da sua desconstrução.

Para o efeito, começarei por analisar o conceito de África, a noção de ideia e os critérios usados para a definição de África; no segundo momento, abordarei sobre os três C's da África e, por fim, a desconstrução do rótulo da ideia de África.

O que é África?

A minha experiência de vida e viagem pelo mundo afora tem me levado a uma confrontação com questões que me pareciam simples, como, por exemplo, o

que é Moçambique? Onde é que se situa? Ao responder questões de gênero, infalivelmente tinha que dizer que é um país que se situa na costa oriental de África, na parte sul do continente. Aí vinha à de cima a seguinte afirmação e questionamentos: “já ouvi falar de África. É um país?” Então, o que é África?

A África é um continente, o terceiro maior continente, com aproximadamente 30 milhões de km², e o segundo mais populoso. É composto por 54 países. Limita-se ao norte pelo Mar Mediterrâneo, a sul pela confluência dos Oceanos Índico e Atlântico; a este pelo Oceano Índico e a oeste pelo Oceano Atlântico.

Ideia

Veze sem conta dizemos em conversa que “tenho uma ideia”, para nos referir a uma sugestão ou uma iniciativa a pôr em prática, sempre em alusão a alguma coisa. Algumas vezes as crianças dizem: *tenho uma ideia, vamos brincar de carrinho*. Nesse contexto, a ideia aparece como uma representação mental de uma realidade. Mas então, o que é uma ideia? Etimologicamente, a palavra ideia vem do latim *idea* para se referir à representação abstrata e geral de um objeto ou relação (Dicionário Universal de Língua Portuguesa, 2001). Portanto, Severino Ngoenha (2006), ao trazer a *ideia de África*, procura mostrar que a África é vista como uma imagem abstrata construída sobre este objeto que se chama África. Ao fazê-lo desse jeito, a África fica à mercê e passível de ser manipulada em função dos objetivos pretendidos, como o próprio autor questiona: “o que devia significar a África?”

É assim que Ngoenha (2006) considera que a África é uma ideia com conseqüências. Não se pode, no entanto, olhar para África excluindo o seu passado histórico e evolutivo. África no contexto do comércio de escravos, colonização e dominação europeia, as independências, o período da Guerra Fria, os regimes ditatoriais e militares como os de Mobutu Sese Seko, Idi Amin Dada, Sani Abacha, as guerras civis pós-independência (os casos de Moçambique e Angola), a introdução das democracias, os conflitos pós-eleitorais (o caso do Zimbabwe, Quênia, Madagascar, Congo Democrático e Costa de Marfim) e os imperativos das instituições financeiras mundiais (Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial).

As ideias, como afirma Rocher (1989), exercem uma influência sobre a mudança social na medida em que se transformam em *valores* capazes de suscitar uma motivação suficientemente forte, ou ainda na medida em que se integram num *sistema ideológico* proposto ao conjunto da coletividade como explicação e como projeto (ROCHER, 1989, p. 40-41).

Crítérios de definição de África

No contexto da *Ideia de África*, África é definida tendo em conta a **cor da pele**, o **sudesevolvimento** e a **dimensão histórica**. Em minha opinião, olhar para África e definí-la com base na cor da pele é no mínimo desconhecer a geografia e confundir a opinião pública. Os negros não se encontram apenas em África, pese embora a justificação ser o comércio de escravos de que a África foi vítima. Outrossim, a própria África não é homogênea, havendo outra catalogação – a chamada África branca. Seja como for, não seria justo, como defende Ngoenha (2006), considerar a África um continente negro. Nos outros continentes também existem pessoas de cor negra, branca, entre outras cores, e não se chamam pela cor da pele das pessoas que neles habitam. Portanto, esse critério, quanto a mim, carrega consigo um estereótipo, recusando o princípio da neutralidade axiológica na produção do conhecimento científico, como advoga o alemão Max Weber.

O subdesenvolvimento como critério se torna infeliz pelo fato de os indicadores usados para classificar os países e continentes serem definidos numa perspectiva ocidental, numa relação de nós e outros (relações de poder). Senão, vejamos: ao longo do tempo, alguns países designados por subdesenvolvidos foram sucessivamente apelidados de países em via de desenvolvimento, países da periferia, países da semiperiferia e, agora, países emergentes (como é o caso da África do Sul). Essa catalogação toma como base os indicadores econômicos como o PIB¹²⁸ e o PNB,¹²⁹ sendo, no entanto, um erro rotular um continente inteiro como subdesenvolvido em função de tais indicadores. Em África, se desenvolvem atividades econômicas que movimentam muito dinheiro por meio dos mercados informais, cuja circulação monetária não é contabilizada nas estatísticas oficiais dos Bancos Centrais. Para além disso, há o sistema de poupança rotativa, que, em Moçambique, se designa *Xitique*, também não integrado nos sistemas bancários e nem de seguro social que o próprio *Xitique* também representa.

Os que apelidam os países africanos de subdesenvolvidos impõem a estes países medidas de disciplina fiscal, promoção e fortalecimento do setor privado, mas mesmo assim continuamos subdesenvolvidos, como afirma Ki-Zerbo: O Burkina Faso, embora o seu governo aplique as diretrizes do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, continua a ser um dos países mais pobres do mundo (KI-ZERBO, 2006, p. 30).

O **critério histórico**, proposto por Ngoenha (2006), se afigura justo, pois a África deixa de ser vista como uma essência, mas, sim, um processo (NGOENHA, 2006), e em transformação social (ELÍSIO MACAMO, 2002). Processo

128 Produto Interno Bruto.

129 Produto Nacional Bruto.

à semelhança de transformação pressupõe uma dinâmica, marcha, movimento. Se recorrermos a física, a dinâmica corresponde ao estado do movimento dos corpos. E o movimento em si pressupõe tempo e espaço (partida e chegada). O espaço nesse caso seria a África, e o tempo, o período histórico de que a África foi sujeita (a escravatura e colonização).

Os Três C's de África

Os três C's como apresentados por Ngoenha (2006) referem-se a **crises, catástrofes e conflitos**. Esses C's que produzem uma má imagem da África, a destroem, matam o seu povo, pilham recursos naturais e a tornam cada vez mais pobre constituem notícias prediletas nas redes televisivas ocidentais, servindo de justificação para intervenção em África, perpetuando a sua dominação. Todavia, o estranho é pensar que a África e os africanos é que assim querem, e que isso constitui seu *modus vivendi*. Aqui, traria a infelicidade dos afro-pessimistas que negam o desenvolvimento da África. Como afirma Cardoso (2012), os prisioneiros dessa visão, os afro-pessimistas, não auguram um futuro promissor para o continente (CARDOSO, 2012, p. 139). Para sustentar essa visão, buscam-se os três C's acrescidos às epidemias e crises de fome. Defender essa perspectiva é não aceitar que a África e os países africanos têm estado a observar níveis de crescimento. É, ao mesmo tempo, recusar o ciclo dos fenômenos como seca-chuva; escassez-abundância; conflito-paz e outras dicotomias. A Europa passou por uma série de pestes, entre elas a bubônica, a epidemia da cólera (é só se recordar do estudo de John Snow na Inglaterra), guerras mundiais e crises econômicas que hoje se repetem, mas nem com isso deixou de se desenvolver.

Um olhar para as origens dos três C's

Crises

As crises caracterizam e acompanham a história da humanidade. Nos anos 1929-1930, o mundo assistiu à crise econômica nos Estados Unidos; após as duas grandes guerras mundiais o mundo viveu as crises energéticas na década de 1970; crises nucleares durante a época da Guerra Fria; a atual crise econômica mundial, afetando severamente alguns países europeus (Portugal e Grécia), entre outras. Hoje, no continente africano, assim como nos outros, vivemos crises políticas motivadas por desacordos nos processos eleitorais e em particular no não reconhecimento dos resultados do escrutínio (Moçambique, Burundi); crise social, o caso recente do Burkina Faso onde as manifestações populares puseram em causa as normas e instituições ora estabelecidas, tendo ditado a queda e fuga do então

presidente Blaise Campaoré. O Egito, a Tunísia e a Líbia viveram a chamada *primavera árabe*, um conjunto de convulsões sociais e políticas. O caso da Líbia acabou ganhando uma outra dimensão, de que falarei no “C” que representa conflito. O Sudão se desintegrou em Sudão do Norte e do Sul (este último entrou em guerra civil).

Catástrofes

Nos últimos tempos, é comum falar-se das catástrofes, em particular das humanitárias. Na África, elas ocorrem tendo como origens os eventos naturais – secas, cheias e inundações –, provocando mortes de pessoas e animais, fome e nudez como consequência da seca. São os casos recorrentes no corno da África, em países como Eritreia, Sudão, Somália e Etiópia. Também assistimos na África catástrofes humanitárias provocadas pela guerra civil; por exemplo, as situações recorrentes na Somália e no Sudão do Sul, provocando milhares de populações refugiadas.

Quanto à seca e inundações, poderia buscar uma explicação nas chamadas mudanças climáticas que afetam não apenas a África. Mas, no caso da África, assistimos no meio disso tudo uma acelerada desertificação e expoliação dos seus recursos marinhos, florestais e faunísticos protagonizados grandemente pelos mundializadores à luz da expansão do capitalismo selvagem. Até parece termos recuado para o século XV, aquando da expansão europeia e dos descobrimentos.

A China, por sua vez, vai fortificando cada vez mais a sua presença em África, dizimando as florestas no saque da madeira que embarca para a China em formato de toro, e não em madeira processada. É só fazer uma visita aos portos africanos, por exemplo os de Moçambique. A África continua, infelizmente, um exportador de matéria prima por excelência, cujos preços são ditados nas bolsas de valores fora do continente. Por vezes, dói a lamentação dos produtores de algodão em Moçambique que, ano após ano, assistem a queda do preço do algodão e a respectiva classificação.

Conflitos

O conflito é inerente à própria sociedade. Marx analisou a presença do conflito na sociedade industrial capitalista entre a burguesia e o proletariado e considerou-o motor da história. Marx compreendeu que os conflitos sociais, na medida em que são conflitos de interesse, opõem necessariamente dois grupos (ROCHER, 1989, p. 72). Tendo isso como um ponto de partida, poderíamos nos questionar quem são os dois grupos em conflito nos países africanos em conflito (guerra civil). Todavia, se considerarmos que os conflitos derivam de fatores

endógenos e exógenos, aí recorreria a comparação, apresentada por Ngoenha (2006), dos conflitos em África com o tango argentino e as passadas dançadas nas discotecas de Maputo (Moçambique), sempre dois a dois. Tomemos como exemplo o conflito na Líbia (em 2011), um levantamento que começa em Benghazi na parte leste do país, e muito rapidamente os insurgentes se armaram e avançaram rumo à capital Tripoli, culminando com a queda do governo liderado por Muammar Gaddafi e o seu assassinato. Hoje, a Líbia, que era um país africano com maior índice de desenvolvimento humano, se transformou em caos, como se os espíritos de Gaddafi estivessem a se revoltar, lançando pragas e maldição. Curiosamente, o conflito não abalou as plataformas petrolíferas. A pergunta que se coloca é, por quê? Quem são os que apoiaram e armaram os insurgentes de Benghazi? Aqui é onde enquadrámos os fatores exógenos que ditam os conflitos em África. Aliás, as sociedades africanas estão em crise sob todos os pontos de vista. A estabilidade política, econômica e social afigura-se difícil de alcançar (MACAMO, 2002, p.18).

As origens de conflito em África, como ficou claro, têm como fonte fatores endógenos e exógenos, todavia, podem se distinguir:

- o controle de recursos;
- a manutenção do poder numa determinada região do país ou etnia;
- recusa aos valores ocidentais e o desejo de instalação da lei islâmica (charia);
- divergência de princípios religiosos;
- alteração da Constituição;
- desacordos pós-eleitorais;
- crises sociais;
- não reconhecimento das fronteiras coloniais (conflitos entre países vizinhos); e
- manipulação do Ocidente.

Desconstrução do rótulo da ideia de África

É chegado o momento mais difícil, que é desconstruir todo um conjunto de ideias e imagens produzidas sobre a África. Trata-se, na minha opinião, de uma luta titânica numa época em que os antigos colonizadores, responsáveis pela imagem da África, estão retornando para o continente numa corrida desenfreada, dessa vez, com o pretexto de ajuda ao desenvolvimento e celebração de acordos diplomáticos. Assistimos hoje, em África, uma neocolonização, tendo como um dos instrumentos a língua. É só olhar para a luta que as comunidades linguísticas

estão a desencadear em África. Refiro-me a lusofonia, francofonia e anglofonia. Cada um dos antigos colonizadores vai criando centros culturais, como o Centro Cultural Franco Moçambicano, Centro Cultural Português e a British Council. Uma autêntica sentença à morte ou coexistência das nossas línguas e cultura africanas? Que o diga o professor catedrático Armando Jorge Lopes, da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), no seu livro *A batalha das línguas*.

Por sua vez, Ngoenha (2006) aponta para a necessidade de os africanos recuperarem a sua dignidade humana que lhes é recusada: o direito do africano à emancipação social, econômica e política. Estaríamos a falar, na posição do autor, de *comunidade axiológica*. Os africanos precisam fazer valer o fato de a África ter sido o berço da humanidade, aproveitando essa e outras vantagens comparativas. Mas, infelizmente, a máquina do sistema capitalista faz o contrário, como diz Ki-Zerbo:

África é o berço da humanidade. Todos os cientistas do mundo admitem hoje que o ser humano emergiu em África. Ninguém o contesta, mas muita gente o esquece. Estou certo de que, se Adão e Eva tivessem nascido no Texas, ouviríamos falar disso todos os dias na CNN¹³⁰. (KI-ZERBO, 2006, p. 13).

Como alcançar essa dignidade humana, se os próprios africanos continuam maltratando, matando e espezinhando seus próprios irmãos? Há africanos letrados, inteligentes e com graus de doutores obtidos em universidades renomadas como Oxford, Harvard, Cambridge, Sorbone, entre outras, e que trabalham em grandes agências internacionais como as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial que, dia e noite, me parecem fazer o contrário ao serem repetidores de discursos mundializadores (globalizantes) do sistema capitalista, propondo receitas incessantes aos seus irmãos africanos (por meio de créditos), cuja refeição sempre sai mal, o que os leva a solicitar mais ingredientes para a mesma receita, tornando-se um ciclo vicioso. É assim que muitos países africanos estão hipotecando seus recursos, a existência e sobrevivência das gerações vindouras, em nome de desenvolvimento que demora mais de cinquenta anos após a independência de alguns países africanos.

Pelas razões que aponto no parágrafo anterior, “as tentativas micronacionais de libertação de África – Sékou Touré na Guiné, Kwame Nkrumah no Gana, Thomas Sankara no Burkina Faso – fracassaram, em grande parte porque foram solitários e não solidários” (KI-ZERBO, 2006, p. 36). Hoje, a África aposta em blocos regionais que os possa garantir uma voz una e estabelecer acordos comer-

130 Cable News Network (cadeia televisiva norte-americana).

ciais zonais, a livre circulação de pessoas e bens, com a eliminação de algumas barreiras aduaneiras. São os casos da SADC,¹³¹ COMESA¹³² e CEDEAO.¹³³ Contudo, assiste-se dentro dessas comunidades uma correlação de forças onde os países com as economias mais fracas assistem a invasão de produtos dos países mais fortes. Outrossim, a livre circulação de pessoas impulsionou os processos migratórios. O exemplo da África do Sul, que acolhe emigrantes provenientes de toda a África, com particular atenção os dos países vizinhos e os da região dos Grandes Lagos e do Corno da África. Isso tem levado a crises sociais internas e levantamento dos nacionais por via da xenofobia.

Ngoenha (2006) aponta, ainda, para aquilo que chama de *comunidade de destino*, que apela à definição de um espaço e tempo próprios que formulam um horizonte, no qual o conteúdo deve ser negociado pelos africanos, cuja materialização recorre aos ideais panafricanistas, o movimento da negritude e o Renascimento africano. Macamo (2002) traz a ideia de saber africano que pretende refletir criticamente sobre aquilo que nós somos, aquilo que as sociedades africanas são e a nossa reflexão como corolário da relação ambígua com a modernidade. Aqui, abre-se um debate sobre uma sociologia das sociedades africanas, que consiste na produção de um saber africano com uma perspectiva no futuro, aquilo que queremos – a nova ordem social.

As universidades e os intelectuais africanos têm um papel preponderante na desconstrução das imagens negativas e estereotipadas sobre a África. É importante incentivar o ensino das ciências sociais em África, abrindo caminho para um maior conhecimento sobre os direitos humanos e dos povos, a ideia de liberdade e emancipação. As universidades precisam contribuir por meio da investigação científica e produção de conhecimento sobre África, desmistificando todo um conjunto de conhecimento produzido pela antropologia no período colonial, para legitimar o processo de dominação e escravização do negro, que olhava para África numa visão de um continente sem cultura, atrasada, sem identidade própria, pré-histórica e selvagem (se nos referirmos a Levi-Strauss e Lévy Bruhl). Aqui subjaz a ideia de *a invenção do ser negro* discutida por Gislene Aparecida dos Santos (2005). Quer dizer, como é que, maquiavelicamente, aos negros, como uma espécie humana, foi-lhes negada a sua humanidade, como os negros foram usados como objetos e máquinas de produção, como diz Marx, *coisificados*. Hoje, a Europa se gaba de ser desenvolvida e não reconhece que os africanos foram usados como força motriz. Espero que um dia haja um reconhecimento e pedido de desculpas por esse crime a essa espécie humana.

131 Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral.

132 Common Market for Eastern and Southern Africa (Mercado Comum para África Oriental e Austral).

133 Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.

Os líderes africanos precisam mudar a sua postura em relação ao Ocidente, pois se continuarem a ser manequins e cúmplices do sistema capitalista, a África assistirá o comboio de desenvolvimento a passar e a ficar sempre na posição das carruagens, e nunca locomotiva. Outrossim, precisamos de uma sociedade civil mais forte, cidadãos mais esclarecidos, ativos e conhecedores dos seus direitos e deveres. A pequena burguesia nacional deve ser mais forte, não aceitando ser a extensão do capitalismo selvagem, e garantir a acumulação do capital nos seus países, e empregar mais cidadãos, e não se perder no luxo e investimentos no estrangeiro, perdendo assim, a oportunidade de melhorar a condição social dos seus concidadãos.

Como se pode depreender do exposto anteriormente, a desconstrução não é uma tarefa fácil, mas os africanos, os intelectuais, políticos e as universidades precisam tomar a dianteira e um ponto de partida no processo de desconstrução.

Conclusão

Procurei trazer ao longo do texto a visão de uma África processual (de transformação social) e não essencialista. Muito menos olhar a África como os três Cs (crises, catastrófes e conflitos) ou na perspectiva dos afro-pessimistas. Ao analisar a África como uma ideia, tinha como intenção clarificar como é que ela foi construída como uma realidade e um objeto de estudo passível de manipulação, para posteriormente propor a desconstrução das imagens produzidas sobre ela.

Hoje em dia, não faz sentido continuar a considerar a África um continente sem cultura, atrasada, sem identidade própria, pré-histórica e selvagem, muito menos mantendo-a como mero exportador de matérias primas, depósito de lixo tóxico e um parque de indústrias altamente poluidoras. Daí a necessidade de resgatar a nossa identidade, dignidade e emancipação. Para isso, se apela ao envolvimento de todos, incluindo aqueles que no passado e no presente fizeram e fazem de África um palco de encenação teatral, pois a atual mundialização da economia não permite que os africanos ajam isoladamente, como se de uma ilha se tratasse.

Referências

CARDOSO, C. Da possibilidade das ciências sociais em África. In: CRUZ E SILVA, T.; COELHO, J. B; SUTO, A. N. (Org.). *Como fazer ciências sociais e humanas em África*: questões epistemológicas, metodológicas e teóricas e políticas. Dakar: CODESRIA, 2012. p. 125-144.

DICIONÁRIO Universal de Língua Portuguesa. Maputo: Porto Editora, 2001.

KI-ZERBO, J. Para quando África: entrevista. 2006. Porto: Campo das Letras. Entrevi-

ta concedida a René Holenstein.

LOPES, A. J. L. *A batalha da línguas: perspectivas sobre a línguística aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

MACAMO, E. *O abecedário da nossa dependência*. Maputo: Ndjira, 2005.

_____. A constituição duma sociologia das sociedades africanas. *Estudos Moçambicanos*, Maputo, n. 19, p. 5-26, 2002.

NGOENHA, S. A ideia de África. In: Macamo, E. *Um país cheio de soluções*. Maputo: Edições Lua, 2006. p. 85-94.

ROCHER, G. *Sociologia geral: mudança social e acção histórica*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

SAID, E. *Orientalismo: o oriente como uma invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, G. A. *A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.